

IDEOLOGIAS E FETICHES TECIDOS NOS DISCURSOS DA MÍDIA IMPRESSA SOBRE O CAMPO.

Área Temática: Teoría, historia y metodología de la Geografía

Alexandrina Luz Conceição e Lucas de Andrade Lira Miranda Cavalcante
Universidade Federal de Sergipe

aluz@oi.com.br

lucassirius@gmail.com

A pesquisa em andamento faz parte de um conjunto de estudos e ações que vem sendo desenvolvidas com a preocupação de refletir sobre os discursos e contra discursos presentes nas notícias sobre o campo. Partimos do princípio de que o campo tem sido retratado como responsável pelo atraso e pela crise da economia brasileira. Entendemos que na sociedade contemporânea a mídia tem sido uma força social, que molda comportamentos, pensamentos e representa uma indústria de interesses comerciais, políticos e ideológicos. Nessa direção tem sido nosso objetivo: identificar e analisar os diferentes signos ideológicos tecidos nos discursos da mídia impressa em Sergipe sobre a relação do agronegócio e da produção familiar camponesa, observando suas implicações no carregamento de ideologias que perpassam a negatividade da luta pela Reforma Agrária e a ideologização para a criminalização dos Movimentos Sociais. Para o atendimento do nosso objetivo utilizamos os conceitos de significado e significante conforme a leitura da análise da filosofia da linguagem de Mikhail Bakhtin no entendimento de que, o signo é por natureza vivo, móvel, plurivalente, porém a classe dominante tem como interesse torná-lo monovalente. Nesse contexto destacamos na nossa análise os signos dialéticos: agronegócio; produção camponesa; agroecologia; reforma agrária; terra de trabalho; terra de vida; Movimentos Sociais. Verificando que a imprensa no estado está sob o controle dos maiores Grupos Econômicos e políticos estamos realizando nossa pesquisa nos dois maiores jornais impressos de Sergipe. Paralelamente tem sido realizada leitura de livros; artigos, periódicos; dissertações e teses sobre o tema central. Iniciamos a aplicação de entrevistas com estudantes de graduação de geografia e membros do MST, estabelecendo a correlação dos três níveis de discursos: sobre o que se fala; de quem se fala; para quem se fala. Os primeiros resultados têm permitido identificar que os conceitos emitidos pelos jornais têm forte entonação para gerar a criminalização do MST, retratando-os como baderneiros e irresponsáveis. Em questionário aplicado até o momento temos constatado que os estudantes dos primeiros períodos do ensino de graduação universitária e militantes do próprio Movimento sofrem influência direta da mídia naturalizando esses conceitos e sofrendo forte influência ideológica.

Palavras chave: signos ideológicos; MST; mídia impressa.

I. INTRODUÇÃO:

O presente trabalho possui como principal objetivo identificar e analisar os signos ideológicos tecidos no discurso da mídia impressa de Sergipe sobre a relação da produção camponesa e agronegócio, observando suas implicações na política de reforma agrária. Além disso, no carregamento de ideologias, que perpassam a negatividade da luta pela Reforma Agrária e a ideologização para a criminalização dos movimentos sociais, com especial destaque ao Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra –MST.

Fundamentou-se nossa análise na leitura de Mikhail Bakhtin. Para esse autor toda palavra é ideológica e tecida por relações dinâmicas, complexas e em tensões, há uma inter-relação dinâmica do discurso e do contexto narrativo. Nesse sentido, compreendemos que os discursos presentes nas notícias sobre o campo em Sergipe, fundamentam-se no pressuposto da modernidade no campo e da industrialização enquanto necessária ao progresso e desenvolvimento. “Este é o trabalho da ideologia: produzir evidências, colocando o homem na relação imaginária com suas condições materiais de existência [...] a ideologia é a condição para a constituição do sujeito e dos sentidos [...] para que se produza o dizer”. (ORLANDI 2003, p. 46). A ideologia mascara as marcas da memória para esconder o real. A falta de exatidão da mensagem, a imprecisão do emissor, do erro do código, é justamente o lugar em que a ideologia e o inconsciente cavam sua espessura mais significativa, reclamando significação (ibidem, 2003, p. 46).

Na sociedade contemporânea temos uma crescente mediação das relações sociais. A mídia é uma força social, que molda comportamentos, pensamentos. É necessário ter em mente que a mídia representa uma indústria de interesses comerciais, políticos e ideológicos. É importante ressaltar que essa relação é intensificada devido ao fato de que, em muitos casos, por ser o meio de comunicação importante instrumento de estruturação dos conceitos essenciais na formação educacional e social da sociedade.

Nesse contexto, é necessário destacar ainda que no estado de Sergipe assim como no Brasil, os principais meios de comunicação, dentre eles os jornais impressos, concentram-se em grupos de famílias tradicionalmente ligadas a grandes proprietários de terras no campo e de indústrias. Sendo assim, apesar do emprego da chamada “imparcialidade”, o discurso jornalístico assim como o discurso social, está intrinsecamente ligada a ideologia, pois, a partir dos signos ideológicos é possível identificar preferências políticas dos sujeitos.

Como atuais e futuros professores de geografia somos formadores de jovens e adultos que vivenciam a realidade de nosso país e do mundo. Realidade resultante da concentração de riqueza, da precarização do trabalho e da fome. Como geógrafos ao lermos o espaço, temos que refletir sobre a realidade e seu movimento de desigualdades regionais e locais. Ler a realidade não pela aparência, mas pela sua essência. Nessa direção, temos como meta fazer pensar a realidade em sua totalidade, possibilitando uma visão crítica dos modelos dominantes de produção e da divisão social e territorial do trabalho.

II. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA:

Ideologia é uma palavra bastante utilizada no cotidiano, geralmente com o sentido de conjunto de ideias que orientam a visão de mundo de um grupo social. Entretanto a ideologia não se restringe a discursos de políticos, de membros de partidos políticos. O discurso ideológico é construído socialmente, ele está presente em textos, dentre eles as notícias jornalísticas, que geralmente se encobrem pela chamada “imparcialidade”. Assumindo uma neutralidade positivista, os grandes conglomerados de imprensa evidenciam o caráter ideológico do discurso, evidenciando por meio de palavras carregadas de significados ideológicos como, por exemplo: Quando classificam integrantes do MST, ao realizar ocupações e demais atos, como “baderneiros”, “invasores”, “criminosos”.

A chamada grande mídia utiliza várias estratégias para tentar deslegitimar a luta pela Reforma Agrária e os movimentos sociais do campo, desde a suposta vinculação das ações do MST com as Farcas, destacando o caráter “não-legítimo” do movimento, vinculando-o ainda ao Movimento o recebimento de repasses de verbas do governo federal, o aumento da violência no campo e a um caráter “radical”, “intransigente” e “anti-democrático”.

“Baderneiros”, “invasores”, “bagunça”, “vagabundos”, “ladrões de terra” todas essas palavras são termos recorrentes no léxico dos grandes conglomerados de mídia ao se referir ao MST, a grande mídia defende a propriedade privada da terra e vem crescendo o discurso de criminalização e disseminação de ódio e medo aos trabalhadores sem-terra, que lutam por uma reforma agrária e que esta modifique realmente a estrutura fundiária do Brasil. Dessa forma se aproxima muito com o que Lopes (1978, p.100) afirma: “Combinando uma simulação com uma dissimulação, o discurso é uma trapaça: ele simula ser meu para dissimular que é do outro.” Exprimindo a consciência social como individual, o discurso ideológico exprime as ideias que são produzidas socialmente e difundidas por intelectuais da elite para manutenção da concentração de terras e desigualdade e pobreza no campo brasileiro. O discurso dos jornais simula ter opinião própria e autônoma, quando na verdade, o caráter do discurso é social, e dissimula que esta visão de mundo é compartilhada socialmente pela classe dominante e que não corresponde a realidade material para a classe trabalhadora.

Bakhtin (2010, p.36) ao discorrer sobre a separação entre a consciência individual e os fenômenos ideológicos, afirma que:

Preliminarmente, portanto, separando os fenômenos ideológicos da consciência individual nós os ligamos às condições e às formas da comunicação social. A existência do signo nada mais é do que a materialização dessa comunicação. É nisso que consiste a natureza de todos os signos ideológicos.

Desse modo, os signos ideológicos possibilitam a comunicação material entre os fenômenos ideológicos e a consciência individual, e ao internalizá-la, o sujeito materializa essa comunicação. Sendo assim, os signos ideológicos constituem-se enquanto pontes que interligam a consciência individual com a ideologia.

O discurso é carregado de traços ideológicos, sendo polifônico, na medida em que, os signos utilizados em nossa fala são compartilhados socialmente e possuem vozes de diferentes grupos sociais. Entretanto, imagina-se que o discurso é espontâneo e inédito, quando na realidade apenas repetimos signos já compreendidos na sociedade, sendo possível identificar várias vozes formando uma teia entrelaçada por fios ideológicos diversos (BAKHTIN, 2010). À vista disso, o discurso jornalístico que, principalmente nos grandes conglomerados de imprensa, está travestido da “imparcialidade” e na neutralidade da transmissão da notícia. Evidencia-se nas notícias vozes de outros sujeitos e grupos sociais, que dialogam ideologicamente com a linha editorial do jornal, sejam eles partidos políticos, classes sociais, etc.

A grande mídia, ao noticiar ações do MST, constrói constantemente uma representação que tende a criminalização dos movimentos sociais, desqualificando-os, negando a possibilidade do diálogo sobre a pauta da Reforma Agrária nos jornais impressos. Destaca-se também a defesa do agronegócio como modelo de desenvolvimento rural e a necessidade de enquadramento dos camponeses nesse tipo de agricultura, que se baseia na propriedade privada da terra.

Em sentido semelhante, ao analisar a prevalência de matérias sem o contraponto dos militantes do MST, Souza & Thomaz Júnior (2002, p.6-7) afirmam que:

O enunciante impede a possibilidade de se concluir a favor da ocupação. Revela uma preocupação em concentrar o seu esforço em impor uma forma única de entender o problema dos sem-terra, ou seja, não considerar a miséria do campo, mas desconstruir as ações do MST. A cada momento, há uma busca de desvalorização do movimento, pois impõe-lhe os traços da ilegalidade e da violência.

À imagem disso persiste-se a predominância dos constantes ataques ao Movimento, naturalizando e apresentando como legítimas a repressão policial aos movimentos de luta

camponesa, dentre destes episódios mais famosos está o Massacre de Eldorado dos Carajás - Pará, no qual, 19 trabalhadores sem terra foram assassinados, em 1996 pela polícia militar.

Chauí(2000, p.10-11) conceitua ideologia ao afirmar que:

Um dos traços fundamentais da ideologia consiste, justamente, em tomar as ideias como independente da realidade histórica e social, de modo a fazer com que tais ideias expliquem aquela realidade, quando na verdade é essa realidade que torna compreensíveis as ideias elaboradas.

À vista disso, a ideologia funciona como um simulacro da realidade, pois projetam ideais sobre ela, de modo que, não possibilita a compreensão da realidade. As ideias tendem a ser uma representação invertida do processo real. Na sociedade contemporânea temos uma crescente midiaticização das relações sociais. A mídia é uma força social, que molda comportamentos, pensamentos. É necessário ter em mente que a mídia representa uma indústria de interesses comerciais, políticos e ideológicos.

De modo semelhante, Bakhtin (2010, p.47) ao analisar de forma dialética o signo ideológico afirma que: “(...) classes sociais diferentes servem-se de uma só e mesma língua. Consequentemente, *em todo o signo ideológico confrontam-se índices de valor contraditórios*. O signo se torna a arena onde se desenvolve as lutas de classes” (destaque do autor). Entre classes sociais com interesses contraditórios e que compartilhando de signos em comum, possuem diferentes índices social de valor que estão em constante conflito. Por meio do signo ideológico que se evidenciam e onde ocorrem as lutas de classes na linguagem.

Em Sergipe, historicamente os meios de comunicação de massa concentraram-se em poucos grupos econômicos e familiares, é o chamado “latifúndio da mídia que existe em Sergipe” (MELO, 2014, s.p.). O autor continua a ideia afirmando que: “latifúndio este que tem como proprietários e patrocinadores velhas e nem tão velhas assim oligarquias (ou famílias, se preferir) conhecidas na política estadual.” Dessa forma evidencia-se o caráter concentrador da mídia impressa em Sergipe, pois estas oligarquias com seus interesses econômicos e políticos materializam e amplificam esses interesses por meio dos meios de comunicação em massa, dentre eles a mídia impressa.

Em outro texto MELO (2013, s.p.) afirma que: “Velhas e nem tão velhas assim lideranças políticas locais (ou grupos familiares, se preferir) são conhecidas, dentre outras coisas, por terem o controle da propriedade de grupos de comunicação, tanto de radiodifusão quanto de mídia impressa”. Dessa forma os “coronéis eletrônicos” (MELO, 2013, s.p.), utilizam o voto como moeda de troca, continuando a dominar e influenciar não só pela posse da terra, mas controlando a disseminação de informações (MELO, 2013, s.p.).

De maneira semelhante KUCINSKI (apud FARIA, 2009, p. 217) afirma que: “A estrutura de propriedade das empresas jornalísticas no Brasil reproduz com grande fidelidade a configuração oligárquica da propriedade da terra”. Em Sergipe, assim como diversos locais do Brasil, as oligarquias agrárias regionais que dominam no campo, geralmente são proprietárias de um ou mais empresas jornalísticas, seja: rádio, rede de televisão e jornal impresso.

III. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS:

A necessidade de discutir a problemática proposta envolve o conhecimento do significado e de significantes conforme a leitura da concepção Bakhtiana do discurso, no entendimento das categorias de análise dos signos dialéticos: agronegócio; produção camponesa; agroecologia; reforma agrária; terra de trabalho; terra de vida; ideologia; Movimentos Sociais.

Primeiramente foram realizadas leituras e produção de resenhas de livros, dissertações, monografias e artigos buscando compreender e refletir tendo como fundamento teórico metodológico a filosofia da linguagem de Mikhail Bakhtin. Realizou-se o aprofundamento teórico sobre Ideologia e análise do discurso, assim como uma intensa pesquisa sobre a leitura da temática em estudo/pesquisa principalmente em periódicos e na mídia eletrônica. Sendo realizada, em seguida, a sistematização das leituras para melhor análise ao decorrer da pesquisa.

Foram feitas pesquisas diretas nas fontes primárias documentais, em um dos jornais impressos de Sergipe, de maior circulação: o Cinform (2008 e 2009). Este levantamento foi realizado na sede do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, localizado na cidade de Aracaju, com a consulta do acervo do referido jornal. A catalogação das notícias foi desenvolvida por meio de anotações pontuais ao objetivo proposto. Fotografamos também as manchetes de maior destaque para compreendermos a força do discurso midiático e suas contradições. Conjuntamente, ocorreu a elaboração de esquemas analíticos para posteriormente fundamentar a elaboração dos resultados parciais.

A pesquisa encontra-se em andamento, sendo assim, os resultados obtidos são parciais. Concomitantemente as leituras e a pesquisa documental, realizamos pesquisas diretas em fonte secundária de dados quantitativos e qualitativos no Banco de Dados da Luta pela Terra – DATALUTA, para identificarmos os fatos locais que envolveram o Movimento durante o período pesquisado e fazermos uma análise comparativa e analítica dos estudos e das pesquisas realizadas da imprensa sergipana e a realidade vivenciada no campo pelo MST de Sergipe. Procedeu-se posteriormente a leitura das reportagens dos jornais, identificando os signos ideológicos e posteriormente foi realizada a análise dos seus enunciados conforme as notícias.

IV. RESULTADOS:

Por meio da leitura das notícias do Jornal “Cinform” foi possível desenvolver reflexões críticas analíticas sustentadas na concepção de signo ideológico de M. Bakhtin, compreendendo que não há a chamada imparcialidade do discurso jornalístico. Foi possível identificar no tecido polifônico dos discursos pesquisados os fios ideológicos da posição de classe da linha Editorial do Jornal. A linguagem utilizada enfatiza a ideologia da modernização do campo e a defesa do modelo de agricultura do agronegócio, dos grandes proprietários de terra em detrimento do discurso da pequena produção camponesa. Quando se referem ao MST o discurso é carregado de forte entonação ideológica em oposição ao desenvolvimento rural.

Foi também observado que o signo “Agricultor Familiar” vem sendo utilizado com frequência em substituição ao signo camponês, ocultando qualquer debate da história de lutas no campo, em particular da luta pela reforma agrária como condição de garantia da terra como meio de vida. Nesta perspectiva o camponês tido como “agricultor familiar” ou “pequeno produtor” apresenta-se analisado na imprensa a partir de uma suposta relação dicotômica entre: a “modernidade” da agricultura altamente mecanizada e de extensas propriedades de terra assemelhando-se ao agronegócio; E do outro lado está o camponês denominado de “agricultor familiar” que simboliza o “atraso” do campo.

A questão agrária está sempre associada ao discurso da criminalização dos Movimentos Sociais do campo, na especificidade do nosso objeto de pesquisa: o MST. O Jornal Cinform faz eco

à crítica da ocupação na luta pelo direito a terra. Em geral ao se referir à palavra “ocupação” da terra pelo MST, utilizam a palavra “invasão” de terras e invasores, associando a ação da ocupação como ação ilegal de “baderneiros”. A palavra “invasão” é um termo que carrega em si o sentido ideológico, denotando ações desordeiras, “tomar aquilo que é legítimo do outro” e “estar em uma terra ilegal”.

O peso do conteúdo predominante exposto nas edições no período em estudo, no Jornal, sobre a questão da terra está relacionado a elogio ao modelo do agronegócio, recebendo sempre destaque nas Manchetes do Jornal, Regularmente em destaque no Caderno “Municípios” e no Caderno “Emprego & Mercado”. Neste último prevalecem às notícias vinculadas aos grandes grupos empresariais do estado, seja no setor sucroalcooleiro onde, destacam-se referências elogiosas a Usina Taquari, Campo Lindo, e, ou a “indústria alimentícia”: Maratá. Como também aos empenhos administrativos dos Supermercados de multinacionais: Wall Mart e Ceconsud, além da Empresa da Construção Civil Celi, que é investidora do modelo do agronegócio.

Poucas matérias veiculam discursos sobre as relações de produção camponesa, sendo a reforma agrária um tema de pouco destaque na pauta editorial do Jornal Cinform. Fato que chama atenção, porque nesse período jornais de outro estado, alardeiam a presença de ocupações: Ver **(Gráfico 01)**; manifestações **(Gráfico 02)** com milhares de pessoas **(Gráfico 03)**.

Os conteúdos dos discursos das edições do Jornal sobre a questão da Terra em Sergipe, quando apresentado, no ano de 2009 é narrado com forte entonação pejorativa contra o Movimento dos Sem Terra. A imagem que buscam chamar atenção (conforme pode ser verificada nas Manchetes abaixo relacionadas das edições 1315; 1353; 1355) tem como objetivo confundir o leitor do conteúdo político do Movimento. Destaca-se no fundo perceptivo que as representações são carregadas de termos subjetivos reforçando a ideia de um Movimento baderneiro, sem escrúpulo. Quando noticiadas exaltam assassinatos e prisões. Seus líderes são colocados como símbolo, de irresponsabilidade, desordem, perturbadores da ordem judicial e da moral da sociedade.

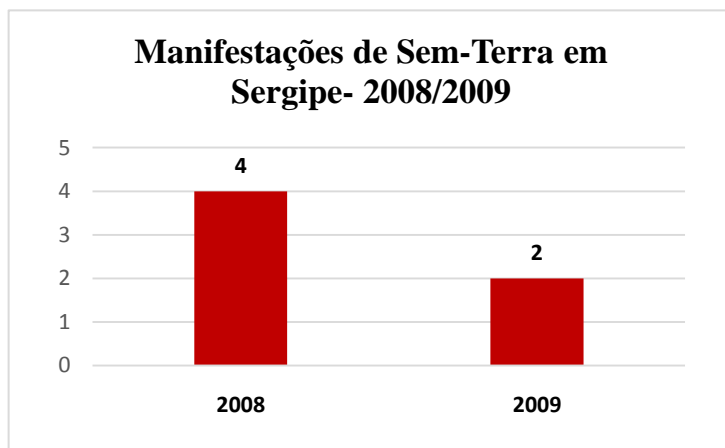
Os conteúdos são expostos sem contexto narrativo para confundir o leitor ao tempo que emite um forte juízo de valor com o objetivo de marcar uma imagem negativa. A ironia é colocada contaminando o pensamento do leitor para enfraquecer o Movimento.

“Líderes do MST em Carira são presos” (Cinform, 2009, Ed. 1315, p.7);

“Sem-terras invadem fazenda de ex-prefeito de Cristinápolis” (Cinform, 2009, Ed. 1353, p.8);

“MST dá tiro no pé e invade a terra de companheiros” (Cinform, 2009, Ed.1355, Capa Municípios, p.1)

Para sustentar melhor nossa análise apresentamos os Gráficos abaixo (já mencionados), nos quais podemos constatar o número de conflitos que ocorreram no campo Sergipano (2008 - 2012) conforme pesquisa desenvolvida pelo Banco de Dados DATALUTA (2013), e, entretanto o que



podemos

Gráfico 02: Manifestações de Sem-Terra, Sergipe

constatar ao

Gráfico 01: Ocupações de Terra.

Fonte: Rede DATALUTA Sergipe, 2013.

Elaboração: CAVALCANTE, 2015

pesquisar o Jornal de maior circulação nesses períodos, é que, as únicas notícias obtidas são sempre de contra discurso ao MST, como já analisamos anteriormente.

A partir das observações dos gráficos (01, 02 e 03) podemos afirmar que, apesar de terem ocorrido manifestações nos anos de 2008 e 2009, envolvendo acima de 3.000 pessoas por ano, e três ocupações em 2008 e dois em 2009. Não sendo dada relevância pelo semanário Cinform a mobilização dos trabalhadores rurais sem terra em prol da reforma agrária. Dificilmente foram noticiadas matérias no Caderno principal do Cinform, quando ocorreram essas manifestações. Antes de explicá-las analisando os fatos ocorridos nas realidades locais, as manchetes expostas exaltam assassinatos e prisões dos militantes do MST, com o objetivo de criminalizar o Movimento, destacando sempre palavras/signos que tecidos por fios velados representam a ideia de desordeiros, e vândalos. Vejamos alguns exemplos:

- “Líderes do MST em Carira são presos” (Cinform, 2009, Ed. 1315, p.7);
- “Sem-terras invadem fazenda de ex-prefeito de Cristinápolis” (Cinform, 2009, Ed. 1353, p.8);

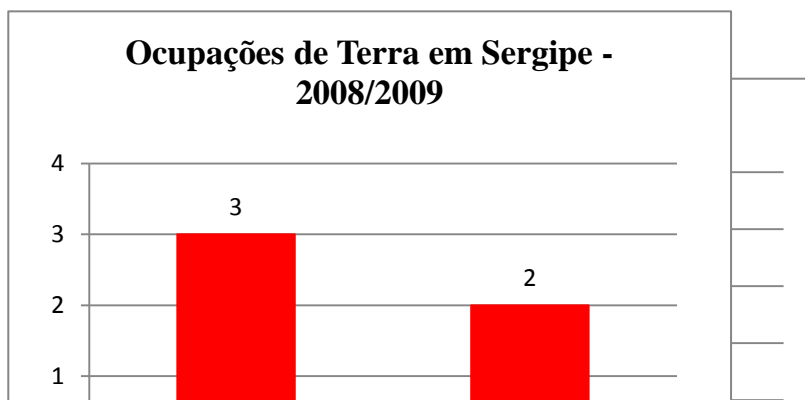


Gráfico 03: Pessoas em Manifestações, Sergipe 2008/2009.

Fonte: Rede DATALUTA Sergipe, 2013.

Elaboração: CAVALCANTE, 2015

- “MST é quase **uma Farc à brasileira**” (Cinform, 2009, Ed. 1362, Caderno Municípios, p.5);
- “MST dá tiro no pé e **invade a terra de companheiros**” (Cinform, 2009, Ed.1356, Capa Municípios, p.1);

Quanto a essa última Manchete Principal, no teor da reportagem, o semanário utiliza a semântica de forma a distorcer o acontecimento dos fatos, sendo possível notar o sensacionalismo do modo como é noticiado se analisarmos a manchete da matéria em questão: “MST e agricultores de Monte Alegre estão em pé de guerra”. No ocorrido, integrantes do MST teriam ocupado uma fazenda comprada recentemente por uma cooperativa de pequenos agricultores, porém de forma ardilosa o semanário Cinform monta a reportagem de forma a não ouvir prioritariamente integrantes do MST, tentando associá-los a interesses de grupos políticos de Monte Alegre.

O jornal apresenta contradições na maneira como aborda o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra – MST. Em entrevista ao Jornal Cinform, na edição 1362, Maio de 2009, o deputado federal Renato Caiado (2009, p.5) evidencia o discurso de criminalização dos movimentos sociais e da ilegalidade deles ao afirmar que:

Há uma **total indisciplina** por parte desses movimentos, como é o caso do **MST – Movimento dos Sem-Terra** -, que é **quase uma Farc à brasileira**, em que estão **envolvidos com narcotráfico, contrabando, sequestros**, enfim, **com todo grau de criminalidade**. Estes ainda **recebem dinheiro do Governo Federal**, que **desvia** o dinheiro público **para invadir propriedades** e dilapidar o patrimônio público. (destaque nosso)

Além de acusar o movimento de ser financiado pelo Governo Federal com dinheiro “desviado”, o deputado faz correlações entre movimentos diferentes, como são o MST e as Farc. Ao relacioná-los, Caiado projeta um ideário criminoso das Farc no MST, realizando acusações sem comprovação, tendo esse discurso o objetivo de deslegitimar a luta pela reforma agrária, na medida em que, o deputado é latifundiário e possui interesses contraditórios aos trabalhadores rurais sem terra.

Ele expressa continuamente na sua entrevista comparações sem nenhuma justificativa, entre um grupo paramilitar da Colômbia com o MST, nas palavras do deputado: “O MST trabalha no submundo e faz uma prática semelhante às Farcs. O mesmo modelo das Farcs da Colômbia é o modelo do MST no Brasil”.

Já no Caderno Especial em comemoração ao dia do agricultor, 28 de Julho, a notícia Jornal Cinform (Sergipe Rural, Ed. 1372, 2009) não fez referência em sua pauta ao MST, tampouco à reforma agrária e produção camponesa, tendo como predomínio do discurso do desenvolvimento rural. Além disso, o semanário denota ser possível a convivência entre agronegócio e “agricultura familiar”, pois apresentam apenas estes dois modelos de agricultura, no caderno em questão. Fica explícita a ênfase dada às agroindústrias sucroalcooleiras e da laranja, dedicando páginas para exaltar os números de produção e também consta uma entrevista com um latifundiário, produtor de laranja, entretanto, não possibilita voz do trabalhador do campo e dos sem-terra.

De forma contraditória na edição seguinte (nº1373), o semanário tece grandes elogios às medidas de desapropriação de terras para reforma agrária em Sergipe, e da defesa do agronegócio em Sergipe e dos “homens do campo”.

A partir dessa edição o Jornal consolida uma série de manchetes favoráveis a reforma agrária e aos movimentos sociais do campo, em especial o MST. Dentre elas podemos destacar as manchetes, abaixo relacionadas:

- **“Governo avança no fortalecimento da agricultura familiar” (Ed. 1374, 2009, Cad. 1, Cidade, p.7);**
- **“O MST que dá certo” (Ed.1378, 2009, Manchete da capa)**
- **“MST se consolida em Sergipe e mostra sua força no campo” (Ed. 1378, 2009, Caderno Municípios, p.7)**

De forma explícita e contraditoriamente às notícias comentadas do título: “MST se consolida em Sergipe e mostra sua força no campo”, em Setembro de 2009, enfatizam a importância do MST como força no campo, sendo bastante favorável ao Movimento, resgatando brevemente o processo histórico de formação deste. Ao iniciar a matéria afirma-se que:

Grande parte da sociedade têm uma visão distorcida das verdadeiras intenções do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra – MST -, fundado há 25 anos, em Cascavel, no Paraná. É por isso que hoje a principal luta dos camponeses – 8.094 famílias assentadas em Sergipe e cerca de 350 mil distribuídas em 24 estados do país – é contra o preconceito.

Ainda na mesma notícia, exaltam-se trechos do hino do MST e a força do Movimento:

O MST não brinca em serviço e seus membros fazem jus ao trecho do hino que narra, como escrevem os capítulos da sua breve história – ‘braços fortes que rasgam o chão. Braços erguidos ditemos nossa história. Sufocando com a força os opressores. Hasteemos a bandeira colorida. Despertemos esta pátria adormecida. O amanhã pertence a nós trabalhadores.

Entretanto, este hino já havia sido criticado pelo mesmo jornal (Ed. 1356, Abril de 2009) ao afirmar que:

No hino do Movimento Sem – Terra – MST -, o autor Ademar Bogo declara uma das premissas do grupo convocando seus companheiros, que ‘ de braços erguidos ditemos nossa história, sufocando com força os opressores’. E essa é a imagem que o Movimento sempre tentou passar, de que são como o bíblico David lutando contra diversos Golias, que se disfarçam de latifundiários, especuladores e grandes empresários do agronegócio.

Faz-se necessário, a partir destas posições contrárias, a análise da conjuntura e contextualização do momento histórico em que o estado de Sergipe estava passando. No ano de 2008 as principais notícias e referências ao MST, foram em manchetes relacionadas a assassinatos, prisões e demais ocorrências que foram vinculadas ao caráter “violento” e “radical” caracterizado pelo semanário.

Porém, após o especial sobre o dia do agricultor no ano de 2009, a maneira como o jornal Cinform retrata o MST e a luta pela reforma agrária altera-se drasticamente. Tendo em vista que em 2009, véspera de eleições para o Governo do Estado e Assembléia Legislativa, o Semanário começa a apoiar as ações do Governo do Estado, inclusive na desapropriação de terras para a reforma agrária, e políticas de manutenção da mão-de-obra nas monoculturas da laranja e da cana-de-açúcar tal como o programa “Mão Amiga”.

V. CONSIDERAÇÕES FINAIS:

As leituras realizadas até o momento no Jornal Cinform/SE entre junho 2008 a Fevereiro de 2010, nas notícias veiculadas sobre a questão agrária, comprovam a nossa análise hipótese de que não há neutralidade do discurso, este representa o conjunto de empresas de interesses econômicos, políticos e sociais.

Nossos estudos permitem concluir até o momento que, os discursos desse Jornal são tecidos na defesa dos segmentos que tem o controle dos investimentos financeiros no campo. Os discursos são apresentados através de signos ideológicos na defesa do agronegócio, na negatividade da luta pela Reforma Agrária, e na indicação da criminalização do MST. O Agronegócio é colocado como o mais importante modelo de desenvolvimento rural, sendo a reforma agrária não mais necessária devendo os pequenos proprietários ajustar-se ao Agronegócio na condição de agricultores familiares produtores para o mercado de *commodities* em associação ao agronegócio.

BIBLIOGRAFIA:

BAKHTIN, M. M. **Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem**. 14. ed. São Paulo: Hucitec, 2010. 203 p.;

CHAUÍ, M. de S. **O que é Ideologia**. 38. ed. São Paulo, SP: Brasiliense, 2000. 125 p.;

CONCEIÇÃO, A. L. A Natureza Social do Discurso Geográfico. **Terra Livre**, AGB, ed. 39, 2014;

GONÇALVES, E. R. de L.; Mídia e MST em Debate: Configurando uma possibilidade de síntese. In: **Anais do XV Encontro Nacional de Psicologia Social**, Maceió, 2009. Disponível em: <http://abrapso.org.br/siteprincipal/images/Anais_XVENABRAPSO/190.%20m%CDdia%20e%20mst%20em%20debate.pdf>

LOPES, E. **Discurso, texto e significação: uma teoria de interpretante**. São Paulo: Cultrix/Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia, 1978.

MELO, P. V.; **Coronéis eletrônicos, mídia e política em Sergipe**, 28/02/2013. Disponível em: <<http://www.infonet.com.br/paulovictor/ler.asp?id=141017>> Acessado em: 25/12/2014;

MELO, P. V.; **O MST e o latifúndio da mídia em Sergipe**, 30/06/2014. Disponível em: <<http://www.infonet.com.br/paulovictor/ler.asp?id=160192>> Acessado em: 10/01/2015;

RIBEIRO DE SOUZA, S.M.; THOMAZ JÚNIOR, A. O MST e a mídia: O fato e a notícia. **Scripta Nova, Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales**, Universidad de Barcelona, vol. VI, nº 119(45), 2002;

RODRIGUES, F. L. ; FARIA, M. C. B. de; BRANDÃO, C.; As Mulheres da Página 6 - A representação da mulher nas páginas policiais do jornal Diário da Tarde em 1964. In: COUTINHO, I. ;LEAL, P. R. F.; (Org.). **Identidades Midiáticas**. Rio de Janeiro: E-Papers, 2009, v. 1, p. 211-225.

SANTOS, Ricardo Menezes. **A Questão Agrária: Uma Análise a partir das políticas de governo para a educação e da realidade nas escolas em Sergipe**. Monografia em Geografia, Universidade Federal de Sergipe, Campus José Alóisio de Campos, São Cristóvão, 2008.